

A Samba

Quando Samba perdeu o pai e a mãe, foi a co-esposa da mãe que ficou encarregue de o educar.

Um dia, quando iam comer, ela quis chamar o filho pelo nome, mas Samba e o meio-irmão pareciam-se como duas gotas de água e tinham o mesmo nome, e ela não conseguia saber qual dos dois era o seu filho. Chamou:

— A Samba!

E eles responderam em coro:

— A Samba!

Ela disse, dirigindo-se ao que pensava ser seu filho e realmente era:

— Chamo-te A Samba e tu respondes-me “A Samba”. Quem és tu?

Ele respondeu:

— Mãe, queres meter-me em sarilhos. Sou eu, que tu deste à luz.

— Então vem sentar-te aqui no chão. Se fui eu que te dei à luz o outro não toca nesta refeição –, disse ela, indicando o outro Samba –, vai comer com os porcos.

Então, quando deu de comer com os porcos ao outro Samba, o próprio filho disse-lhe:

— Está fora de questão que eu tome a refeição aqui enquanto o meu irmão está com os porcos.

Vamos comer juntos.

— E porquê? –, perguntou a mãe.

— Porque decidi que não vou comer aqui sozinho.

Então a mulher foi buscar uma pulseira, que pôs no pulso do filho para o distinguir do outro Samba. Quando saíram para brincar Samba pegou na pulseira, partiu-a e com ela fez duas, uma que pôs no pulso do irmão e outra para ele, e disse ao irmão:

— Se a mãe disser “A Samba” respondemos os dois ao mesmo tempo, não deve responder só um, respondemos os dois. Se ela olhar para a minha mão vê a pulseira e se olhar para a tua vê a pulseira.

Um dia, quando voltavam da pastagem, a mãe chamou:

— A Samba!

Os filhos responderam em coro:

— Sim!

Ela pegou na mão de um e viu a pulseira, pegou na mão do doutro e viu a pulseira. Ficou sem palavras. Serviu-lhes arroz. Comeram tudo.

Os rapazes viveram assim até à idade adulta. Samba, o órfão, acabou por se convencer de que devia ir aonde os seus passos o levassem, para deixar Samba, o irmão, viver em paz com a mãe. Foi comprar leite e encheu uma garrafa, que fechou antes de a pendurar na porta. Depois chamou o irmão.

— A Samba!

O irmão respondeu:

— A Samba!

Ele disse:

— Já somos adultos. Vou buscar a bicicleta que usávamos para ir guardar o gado e vou até onde os meus passos me levarem.

O irmão disse-lhe:

— Samba, vou contigo para onde fores.

Ele respondeu:

— Não, fica e toma conta da tua mãe.

Ele não quis ouvir o irmão. Então este pegou na bicicleta e chegou a uma aldeia em que era difícil arranjar água. Na verdade os aldeões tinham de sacrificar um ser humano, oferecendo-o a uma jibóia, para ter acesso ao poço que havia na lagoa.

Quando chegou Samba pediu aos aldeões que lhe dessem de beber, pois tinha a garganta seca.

Responderam-lhe:

— Na verdade há um lugar a que podemos ir buscar água, mas há um monstro que mora lá. Temos de sacrificar uma pessoa para ter direito a água.

Estupefacto, ele disse:

— Ai é? Mostrem-me esse lugar.

Responderam-lhe:

— Vais ser comido.

Ele insistiu e levaram-no até ao lugar tão temido. Quando chegou à lagoa Samba inclinou-se e tirou água, *kiribý!*

A coisa perguntou:

— Quem é?

Ele respondeu:

— Um forasteiro.

Ela perguntou:

— Porque tiras água?

Ele respondeu:

— Tiro água para beber.

O monstro continuou:

— Os teus anfitriões não te disseram que hoje não têm direito a tocar nesta água? Amanhã é o dia em que estão autorizados a aceder a ela.

Ele retorquiu:

— Tu pensas que eu, o forasteiro, venho até aqui para morrer de sede? Porque não hei-de beber?

Dito isto tirou mais água e borrifou o corpo. Tirou outra vez, *chap!* A coisa disse:

— Quem é?

Ele respondeu:

— Sou eu outra vez.

Ela perguntou-lhe:

— Estás a tirar água para quê?

Ele respondeu:

— Para me lavar.

Ela disse-lhe:

— Para te lavares! Não te disseram que não se mexe assim na minha água?

E Samba voltou a tirar, *chap!*

Ela perguntou:

— Quem é?

Ele respondeu:

— Sou eu.

Ela perguntou:

— Estás a tirar água para quê?

Ele respondeu:

— Para dar ao meu cão.
 Ela disse:
 — Não, não, tu aí, se eu te deixar fazer o que quiseres vais acabar com a minha água!
 Samba continuou a tirar água e a coisa perguntou:
 — Quem é?
 Ele disse:
 — Disse-te que era eu.
 — Estás a tirar água para quê?
 — Para a despejar na terra, há muita água.
 O monstro disse:
 — Então vieste preparado para me arranjar sarilhos... espera que já vou.
 A Samba tinha uns cartuchos e quando a coisa apareceu disparou sobre ela. Ela caiu, mas ele tornou a disparar. Ela imobilizou-se e disse:
 — Então foi a ti que enviaram?
 Ele respondeu:
 — Se tu comes pessoas, bem, hoje sou eu que vou comer-te.
 Ele matou a jibóia, cortou-lhe o rabo e meteu-o no saco, depois foi buscar água com um balde e foi à procura da jovem que ia ser sacrificada. Encontrou-a a chorar amargamente. Consolou-a e disse:
 — Toma esta água e bebe um bocadinho.
 Ela disse:
 — Não posso beber, não vou beber.
 Ele perguntou:
 — Por que razão não queres beber?
 Ela respondeu:
 — Hoje, na aldeia, é a minha família que tem que ofertar uma rapariga à jibóia e sou eu que vou ser sacrificada para que tenham água.
 Entretanto toda a aldeia se preparava para o sacrifício e para oferecer a jovem, para depois poder tirar água. Os tantans ressoavam.
 Quando chegaram à lagoa mandaram a rapariga entrar nela, que desceu até à zona em que normalmente estava a jibóia. O animal não reagiu.
 Disseram-lhe:
 — Desce mais um bocadinho.
 Ela respondeu:
 — Estou a tocar-lhe, mas acho que não está viva. – A água ficou toda vermelha. – Está morta.
 Ela atou a jibóia e os aldeões tiraram-na da água e todos explodiram de alegria, com cantos e danças.
 O chefe da aldeia perguntou:
 — Qual de vocês recebeu um forasteiro em casa?
 Toda a gente dizia que tinha um hóspede em casa.
 O chefe disse:
 — Se alguém aparecer com o rabo deste animal saberemos recompensá-lo.
 Entretanto o rapaz dirigira-se para a floresta e por lá andou muito tempo, até que encontrou outro ser maléfico, que fazia as pessoas reféns. Este espírito perguntou-lhe:
 — Quem é?
 Ele respondeu:
 — Sou eu.
 — Tu quem?

Ele respondeu:

— Eu, Samba.

O outro disse:

— Os teus anfitriões não te disseram que este sítio é inacessível? Aqui ninguém passa.

O rapaz disse:

— Eu vou passar.

Ele teimou em passar e o espírito maléfico bateu-lhe com a cabaça que levava com ele. Agarrou-o e fechou-o em casa. Entretanto a garrafa de leite que Samba tinha deixado com o meio-irmão inchou e entornou-se. O irmão ficou com medo e disse à mãe:

— Mãezinha, perdi o meu irmão, também me vou embora! Cuida da casa sozinha.

Pegou na outra bicicleta e partiu. Quando chegou à aldeia em que o irmão tinha estado, toda a gente acorreu, pensando que fosse ele. As pessoas perguntavam-lhe: “A Samba, onde estavas?”

Ele disse:

— Não, não foi a mim que viram, foi o meu irmão. Digam-me para onde foi –, continuou ele.

Disseram-lhe:

— O teu irmão disse que ia para a floresta.

Ele foi-se embora e chegou ao sítio em que estava o espírito maléfico, que lhe perguntou:

— Quem és tu e aonde vais?

Ele respondeu:

— Vou ao coração da floresta.

O outro disse:

— Ninguém entra aqui.

Ele entrou e antes que o espírito maléfico lhe batesse deu-lhe um tiro. O ser maléfico caiu. Então ele entrou em casa do espírito maléfico e pôs-se a abrir as portas todas, chamando: “A Samba, A Samba!”

Reinava o silêncio. Quando abria uma porta só encontrava pessoas que o espírito maléfico tinha feito reféns, e dizia-lhes: “Vão-se embora, vão-se embora!”

Estava espantado por ver tanta gente.

Continuou a abrir portas, até que entrou no quarto em que estava A Samba. Disse-lhe:

— Na verdade, quando a garrafa se entornou, soube que estavas com problemas. Foi por isso que vim ter contigo.

Foi assim que libertaram muitas pessoas, levando-as com eles. O irmão conduziu a multidão e ele ficou atrás, para a guardar. Quando chegaram à aldeia houve quem dissesse: “Esta gente ficou refém durante anos.” “*tieh!* Foram vocês que os tiraram de lá?”

Perguntaram ao primeiro rapaz:

— Não sabemos quem foi que matou o bicho que estava na lagoa. Foste tu? Isto é mesmo muito embaraçoso para nós.

Ele tirou o rabo do animal e entregou-o.

Disseram-lhe:

— Então foste tu que o mataste. Bem, o que queres que te dêmos de recompensa?

Ele respondeu:

— Não preciso de pagamento, dêem-me em casamento a rapariga que iam sacrificar ao animal.

Os aldeões acompanharam a jovem até à aldeia do marido. Eles ficaram com o tesouro encontrado em casa do espírito maléfico e construíram uma bela casa. A Samba guardou o tesouro. A madrasta mudou de comportamento e amou-o como se fosse filho dela. E viveram em paz até ao fim dos seus dias.

E assim acaba a história.